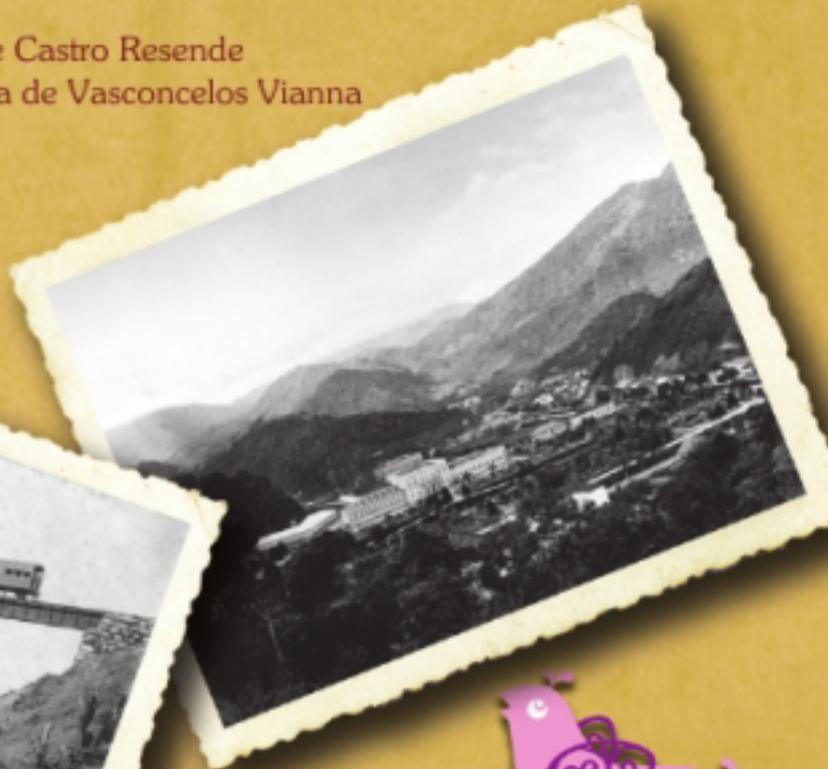


ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS

N° 1 - dezembro de 2008

Uma Jornada de Descobertas pelo Passado e Presente da Cidade Imperial

Regina Helena de Castro Resende
Cátia Maria Souza de Vasconcelos Vianna



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do IPHAN

Luiz Fernando de Almeida

Diretor do Departamento de Museus e Monumentos

José do Nascimento Júnior

Diretora Substituta do Museu Imperial

Maria de Fátima Moraes Argon

Coordenador da Divisão Administrativa

Vaderli Cardoso de Oliveira

Centro de Educação Patrimonial
Criação e Pesquisa

Regina Helena de Castro Resende
Cátia Maria Souza de Vasconcelos Vianna

Fotografia

Elena Guimarães

Programação Visual

CRIA - Design e Comunicação Visual
www.criavisual.com.br

Revisão

Rosana Carvalho de Oliveira Miranda

Colaboração

Ana Luísa Alonso de Camargo
Átila Beppler Meireles
Betina Rodrigues de Oliveira Xavier
Cláudia Maria de Souza Costa
Ivan Herzog Júnior
Maria de Fátima Moraes Argon
Maria Luísa Rocha Melo
Maurício Vicente Ferreira Júnior
Neibe Cristina Machado da Costa
Rosana Carvalho de Oliveira Miranda
Sandra Lúcia Pinho da Silva

© 2008. Museu Imperial / IPHAN / MinC

ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS: uma jornada de descobertas pelo passado e presente da cidade imperial.
Petrópolis: Museu Imperial.
N. 1, dez. 2008.

ISSN: 1984-3984

1. Petrópolis (RJ) – História. 2. Educação patrimonial. 1. Título.

CDD – 981.532

Apresentação

A formação do acervo do Museu Imperial teve sua origem nos documentos provenientes da Municipalidade que foram transferidos, em 1943, ano de sua inauguração, do então extinto Museu Histórico de Petrópolis que abrigava um acervo ligado à cidade de Petrópolis e à Família Imperial.

Cinco anos depois, o arquivo particular da Família Imperial é recolhido à cidade que o imperador d. Pedro II criou e à casa que ele construiu. Esta estreita relação entre a cidade e o seu fundador é uma das linhas de pesquisa e reflexão do Museu Imperial, que a desenvolve desde o início de suas atividades.

O Almanaque de Petrópolis, uma brilhante iniciativa do Centro de Educação Patrimonial, apresenta-se como um instrumento importante para ampliar o universo de registros relativos à memória e à história da cidade. Neste mesmo sentido, duas publicações estão previstas para serem lançadas em 2009: Cronologia de Petrópolis e a segunda edição da obra Iconografia Petropolitana, de Gilberto Ferrez, publicada pelo Museu Imperial, em 1955.

O Almanaque de Petrópolis vem despertar o interesse da população pela história da cidade, tornando-se um meio para que os cidadãos se reconheçam em cada um destes “símbolos” representativos de sua identidade cultural e, conseqüentemente, que passem a respeitar, compreender, preservar, defender e difundir o patrimônio histórico, artístico e ambiental de Petrópolis, que é o patrimônio da sociedade.

Esperamos que o Almanaque de Petrópolis resgate o valor e a relevância dos sinais e registros do passado, plenos de significado do ponto de vista de sua experiência e identidade social e cultural, possibilitando uma reflexão crítica sobre a história de Petrópolis e, fundamentalmente, contribuindo para o desenvolvimento da nossa cidade.

Maria de Fátima Moraes Argon
Diretora Substituta do Museu Imperial

Ao andarmos pelas ruas de Petrópolis, especialmente por aquelas do Centro Histórico, podemos observar lojas de produtos variados, edifícios e casas residenciais e comerciais, igrejas, escolas, praças, hotéis, fábricas, restaurantes, automóveis de vários tipos.

Podemos ver, também, rios cortando a cidade, monumentos históricos e pessoas de diferentes origens circulando por toda parte.

É a Petrópolis do século XXI!

Mas, como será que tudo isso começou? Como Petrópolis surgiu? Que histórias podemos contar sobre o seu povo, a sua formação, o seu desenvolvimento e as suas transformações ao longo dos tempos?

Este almanaque, desenvolvido pelo Centro de Educação Patrimonial do Museu Imperial, tem como proposta contar um pouco dessa história de forma a despertar o interesse de alunos do ensino fundamental de Petrópolis pela observação, preservação e valorização da sua história individual e coletiva e de seus bens culturais.

A intenção de estimular no público escolar o conhecimento crítico e a apropriação consciente do seu patrimônio, bem como de reforçar o sentimento de pertencimento a sua cultura, permeou todo o processo de elaboração desta obra.

Fotografias e documentos do Arquivo Histórico, imagens do acervo museológico e obras raras da Biblioteca do Museu Imperial foram utilizados ao longo do trabalho, auxiliando o leitor no processo de observação, comparação, análise e dedução dos fatos apresentados.

Mas, por que um ALMANAQUE?

A idéia de utilizar um formato mais dinâmico de publicação, no qual fosse possível mesclar o conteúdo histórico com jogos, dicas, questões para reflexão e um calendário com datas significativas da cidade de Petrópolis, encontrou no conceito dos almanaques a forma ideal para o desenvolvimento deste projeto.

Assim, esperamos que o Almanaque de Petrópolis possa ajudar todos os alunos que o tenha em mãos a obter uma melhor compreensão da sua comunidade e a dar significado ou a ressignificar os vários aspectos que constituem a nossa cidade em um trabalho genuíno de Educação Patrimonial.

Regina Helena de Castro Resende
Chefe do Centro de Educação Patrimonial do Museu Imperial



Petrópolis

Às vezes, nos apaixonamos por pessoas. Mas podemos também nos apaixonar por lugares...

A paixão por um mesmo lugar aconteceu duas vezes com a família imperial. Vamos contar aqui a história do encantamento de dois Imperadores por um local do nosso Brasil.

Era uma região de natureza exuberante, nossa rica Mata Atlântica, com rios e cachoeiras, ar puro de montanha e clima muito ameno: a Serra da Estrela. Era realmente uma beleza de lugar!

Um dos imperadores de que estamos falando é d. Pedro I. E o lugar que o maravilhou foi a região onde surgiu, mais tarde, a cidade de Petrópolis.

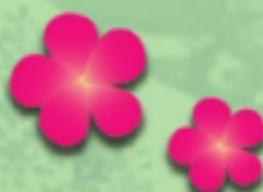


D. Pedro I por aqui passou, pela primeira vez, em 1822, pois a serra era caminho para Minas Gerais. Gostava muito de ficar hospedado na Fazenda do Padre Correia.



Retrato de d. Pedro I. Óleo sobre tela, de Simplicio Rodrigues de Sá, 1826. Acervo Museu Imperial.

Tropas a caminho de Minas Gerais também paravam na Fazenda do Padre Correia. A casa e a capela ainda hoje são preservadas. Óleo sobre papel colado sobre madeira, de F. Hagedorn, século XIX. Acervo Museu Imperial.



Bem que ele tentou comprá-la, mas os donos não a quiseram vender. Logo, apareceu a chance de comprar uma outra bem pertinho: a Fazenda do Córrego Seco, em 1830. Ele imaginou que ali construiria um grande palácio: seria um bom lugar para se aliviar do calor do Rio de Janeiro e ficar mais distante das doenças que estavam por lá a aparecer. Mas, em 1831, ele abdicou ao trono em favor de seu filho d. Pedro de Alcântara, que ainda se encontrava com 5 anos. Foi para Portugal sem nunca ter visto este seu sonho se tornar realidade.

Anos mais tarde, d. Pedro II recebeu a fazenda de herança, e também encantado com a região, iniciou ali uma povoação, mandando construir um palácio de verão, tal como seu pai sonhara. Mas ele não fez isso sozinho...



Aspecto da Fazenda do Córrego Seco, em 1817.
Reprodução de uma litografia de Xav. Nachtmann, de um esboço de Karl. F. Philip von Martius. Acervo Museu Imperial.



D. Pedro II na época de seu casamento, em 1843.
Óleo sobre tela, atribuído a Krumholz, por volta de 1853. Acervo Museu Imperial.

Curiosidade

Por que
"Serra da Estrela"?

Logo que o Sol se põe, um astro brilhante como uma estrela – o planeta Vênus – aparece sobre esta parte da região serrana. Essa "estrela" era uma importante orientação noturna para os viajantes daquele tempo, principalmente no percurso marítimo que faziam pela Baía de Guanabara, saindo do Rio de Janeiro até o porto da Estrela. (Veja no mapa da página 17 como eram feitas as viagens para Petrópolis.)



Fique por dentro

Em Petrópolis, diferentemente de outros locais, o curso dos rios foi integrado à paisagem urbana. Na época da criação do povoado, respeitou-se a geografia local e não foram permitidas construções em encostas.

Assim, no dia 16 de março de 1843, pelo decreto nº 155, assinado por d. Pedro II e Paulo Barbosa, foi fundada a povoação de Petrópolis. Através deste documento, o Major Koeler tornou-se o Superintendente da Imperial Fazenda.

Mas, por que a cidade se chamou Petrópolis?

É a Paulo Barbosa que se atribui a idéia do nome. Foi uma maneira que ele encontrou de homenagear o imperador, ou seja, Petrópolis quer dizer "cidade de Pedro".



Cidade de Pedro

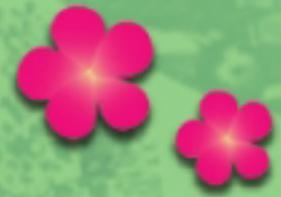
Duas outras pessoas o ajudaram com idéias e conselhos. D. Pedro II concordou com os planos de povoamento de sua fazenda elaborado pelo mordomo da Casa Imperial Paulo Barbosa da Silva e pelo Major de Engenheiros Júlio Frederico Koeler. Lá, estavam reservadas as áreas para a construção de um palácio, de uma igreja e de um cemitério para a futura povoação. Também foram feitas doações de terras a colonos livres.



Major de Engenheiros Júlio Frederico Koeler.
Acervo Museu Imperial.



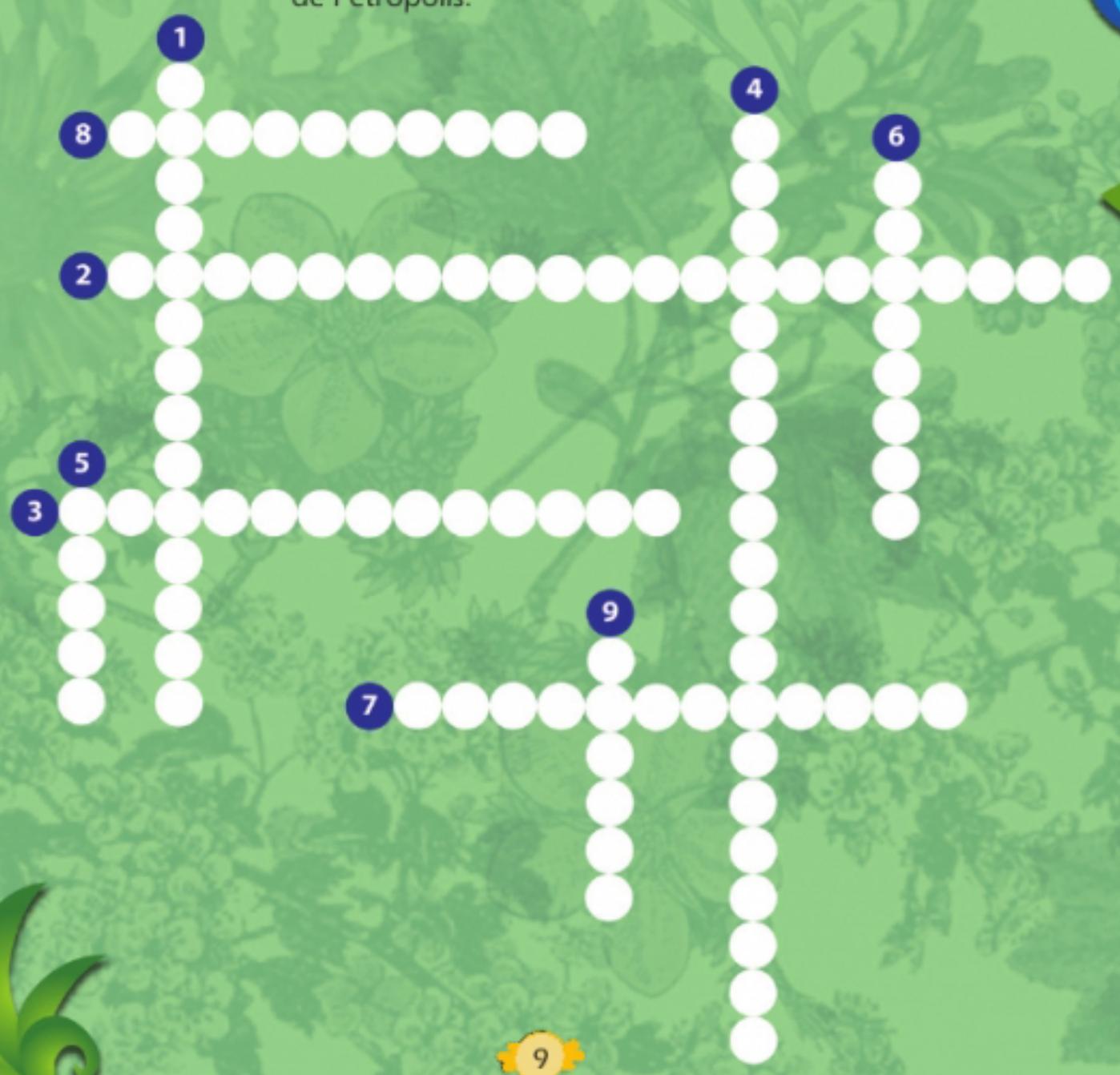
Conselheiro Paulo Barbosa.
Fotografia colorida a óleo, de autoria de Victor Frond.
Acervo Museu Imperial.



Cruzadinha

Verifique o que você acabou de conhecer, fazendo esta cruzadinha:

- 1 - Serra que liga o Rio de Janeiro a Minas Gerais (parte do conjunto montanhoso da Serra dos Órgãos).
- 2 - Fazenda onde d. Pedro I se hospedava na Serra.
- 3 - Tipo de vegetação nativa da Serra da Estrela.
- 4 - Fazenda comprada por d. Pedro I, em 1830.
- 5 - Mês de fundação do povoado de Petrópolis.
- 6 - País para onde foi d. Pedro I após a abdicação.
- 7 - Pessoa que sugeriu o nome "Petrópolis" para nossa cidade.
- 8 - "Cidade de Pedro".
- 9 - Major que elaborou o plano da cidade de Petrópolis.





Em 1845, iniciou-se a construção do palácio imperial, onde d. Pedro II, sua esposa d. Teresa Cristina e suas filhas Princesa Isabel e Princesa Leopoldina passaram seus verões. Este palácio foi a residência predileta do imperador.

O projeto original do palácio foi do Major Koeler e, após sua morte, os arquitetos Joaquim Cândido Guillobel e José Maria Jacinto Rebelo continuaram sua construção.

Em Petrópolis, d. Pedro II apreciava visitar escolas, andar a cavalo, tomar banhos medicinais, entregar-se à leitura e acompanhar, pessoalmente, os estudos de suas filhas. Em suas caminhadas pelas ruas da cidade encontrava conhecidos e moradores, com os quais conversava. Recebia em seu palácio visitas de diplomatas, estrangeiros e integrantes de seu governo.



Paço Imperial de Petrópolis. Têmpera de Hagedorn, por volta de 1855. Acervo Museu Imperial.

Cartas e diários comprovam o grande afeto da família imperial por este local.

"Aqui passeio a pé todas as manhãs."

"A vida de Petrópolis agrada-me muito."

Aqui trabalho melhor que no Rio, apesar dos dois passeios que faço todos os dias."

"Devo ir, em dezembro a Petrópolis e lá ser-me-á permitido entregar-me um pouco mais às ocupações do espírito (...)."

(Trechos de cartas escritas por d. Pedro II ao amigo Gobineau)



Monumento de d. Pedro II na Praça D. Pedro II. Em pé, do lado esquerdo, d. Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará (filho mais velho da Princesa Isabel). Ao fundo, os prédios que, demolidos, deram lugar ao edifício Arcádia na Rua 16 de Março. Acervo Museu Imperial.

"[...] Petrópolis,
deliciosa residência de
verão: jardins floridos, canais
cortando a cidade, belas casas,
colinas verdejantes, montanhas
ao longe – algumas de granito, que
ruboreciam ao pôr-do-sol."

Princesa Isabel



Retrato da Princesa Isabel. Óleo sobre tela, de Edouard Vienot, 1868. Acervo Museu Imperial.

Em 1837, antes da fundação de Petrópolis, Koeler havia contratado alguns alemães para trabalharem em obras da Estrada da Serra da Estrela para que as carroças pudessem melhor passar por ali. Terminado o trabalho, esses alemães se fixaram na região do Itamarati. Anos mais tarde, com o plano de povoamento de Petrópolis, Koeler precisou contratar trabalhadores para a construção do palácio e da cidade. Assim, trouxe mais alemães para essa tarefa. O primeiro grande grupo de imigrantes aportou no Rio de Janeiro, após uma longa viagem, trazido por um navio chamado Virginie e, no dia 29 de junho de 1845, chegou a Petrópolis.

Ao longo do mesmo ano, aportaram mais treze navios na capital da Província, trazendo mais colonos. No ano seguinte, em Petrópolis, havia 2.101 habitantes, sendo que 1.921 eram alemães.

Fique por dentro

Atualmente, no dia 29 de junho, comemoramos, em nossa cidade, o Dia do Colono. Determinados costumes da cultura alemã podem ser vistos no evento anual da Bauernfest.

Desfile na Rua da Imperatriz durante a Bauernfest. Acervo particular.





Primeira banda de música de Petrópolis chamada Banda dos Gustavos, em um piquenique realizado na chácara de J. B. Binot, no Retiro, por volta de 1870. Na foto, vêem-se sete irmãos Eckhardt e o pai, membros da família Bauer, Kreisler e Kramer, Lutz e Craus, Müller e a família Vitorino Figueiredo. Acervo Museu Imperial.

No desenvolvimento de Petrópolis, o povo alemão foi exemplo de dedicação e determinação. Em suas obras, respeitavam as condições naturais da cidade e realizavam, com capricho, até as coisas mais simples, como os conhecidos "lambrequins" das varandas dos chalés e a colocação dos paralelepípedos nas ruas. Além do trabalho, também o divertimento era muito importante entre eles: bailes, piqueniques e bandas faziam a alegria dos colonizadores de Petrópolis.

Um dos grupos musicais mais conhecidos da cidade foi a "Banda dos Gustavos". Gustavo Eckardt e seus oito filhos estavam presentes em quase todas as solenidades de Petrópolis. Essa banda existiu até o fim do ano de 1896.

"Petrópolis, tens do passado gloriosas tradições,
Petrópolis, cultura e fibra de homens de outras nações,
que lutaram e criaram as riquezas,
guardaram as belezas que devemos defender."

[Trecho do Hino do Município de Petrópolis. Letra e música de Geraldo Ventura]

Saiba mais

A maior festa da colônia era a recepção da família imperial, na abertura da temporada do verão.



Família imperial: d. Pedro II, ao centro, de pé; sentada, d. Teresa Cristina e, à direita do Imperador, as Princesas Isabel e Leopoldina. Litografia de Henrique Fleiuss. Acervo Museu Imperial.

Em 1849, a família imperial passou o primeiro verão em Petrópolis. Com o palácio ainda em construção, ficaram hospedados na sede da Fazenda do Córrego Seco.



Vista panorâmica do centro da cidade, tomada da Av. Marechal Deodoro e adjacências onde se vêem, em primeiro plano, a sede da Fazenda do Córrego Seco e, ao fundo, o Palácio Imperial e a Casa dos Semanários. Foto: Stahl, cerca de 1865. Acervo Museu Imperial.

DICA: "Sattler", "Gross", "Jung", "Mueller"..., sendo petropolitano ou não, seu nome e seu sobrenome trazem pistas a respeito de suas origens. Você já perguntou aos seus pais sobre seus antepassados? Se ainda não, experimente. Você, certamente, se surpreenderá com suas descobertas!

Você sabe por que estes alemães estão reunidos?



Colonos reunidos no Cremerie, em 1897.
Acervo Museu Imperial.

Porque vão a um piquenique!

E o que não podia faltar em um piquenique de alemães?

Descubra no CAÇA-PALAVRAS:

SONHO - CUCA - BISCOITO - ROSCA - STRUDEL - MÚSICA - FOTOGRAFIA - LEITURA - CERVEJA

Caça-Palavras

M	B	A	V	C	B	G	F	R	S	A	Q	W	H	U	L	O	Ç	V	F	S
D	V	D	B	G	H	J	K	L	H	F	E	R	T	A	Z	C	X	Z	A	U
V	B	R	X	Z	A	Q	N	L	M	N	C	V	C	H	U	C	R	U	R	Y
E	R	L	C	T	G	B	N	M	J	S	Q	T	Y	U	I	O	L	P	Ç	C
Q	A	E	C	V	B	N	A	X	Q	A	F	R	T	U	O	G	F	D	S	E
V	J	I	N	J	M	Y	H	J	K	L	V	C	Z	S	W	S	T	U	I	R
V	T	T	E	N	L	I	V	C	X	S	L	A	Q	P	S	T	D	S	A	V
M	W	U	T	R	T	H	J	U	D	R	A	C	V	B	N	R	F	F	U	E
U	B	R	V	C	B	C	U	C	A	A	Q	W	H	U	L	U	Ç	O	F	J
S	V	A	B	G	H	J	K	L	H	F	E	R	T	A	Z	D	X	T	A	A
I	B	R	X	Z	A	Q	N	L	M	N	C	V	C	H	U	E	R	O	R	Y
C	R	L	C	T	G	B	N	M	J	S	Q	T	Y	U	I	L	L	G	Ç	C
A	A	E	C	V	B	N	A	X	Q	A	F	R	T	U	O	G	F	R	S	E
V	J	I	N	J	M	Y	H	J	K	L	V	C	Z	S	W	S	T	A	I	R
V	T	T	E	N	L	I	V	C	X	S	L	A	Q	P	S	T	D	F	A	V
M	W	U	T	R	T	H	J	U	D	R	A	C	V	B	N	R	F	I	U	E
E	R	L	C	T	G	B	N	M	J	S	S	O	N	H	O	O	L	A	Ç	C
Q	A	E	C	V	B	N	A	X	Q	A	F	R	T	U	O	G	F	D	S	E
V	J	I	N	J	B	I	S	C	O	I	T	O	Z	S	W	S	T	U	I	R
V	T	T	E	N	L	I	V	C	X	S	L	A	Q	P	S	T	D	S	A	V
M	W	U	T	R	T	H	J	U	D	R	A	C	V	R	O	S	C	A	U	E



Os pães, bolos e doces produzidos pelos alemães eram trazidos para o centro da cidade pelas crianças, em carrocinhas puxadas por cabritos.

Estes produtos eram vendidos aos hotéis, pensões e veranistas da Vila Imperial. Só mais tarde, começaram a surgir as tradicionais confeitarias e padarias de Petrópolis com suas receitas exclusivas. Que tal conhecer uma delas? Tente fazer em casa ou na escola.



Paisagem da Av. 7-de Setembro, onde se vêem trecho do rio Quitandinha, ponte de madeira, arvoredo, residências e carroça puxada por cabrito e conduzida por crianças. Fotografia de Jorge Henrique Papf. Acervo Museu Imperial.



Ingredientes:

- 1 kg de farinha de trigo
- 1 xícara e meia de açúcar
- 4 ovos
- 200 g de manteiga ou margarina
- 100 g de fermento para pão
- 2 copos e meio de leite
- 1 xícara de água morna para desmanchar o fermento
- 1 pitada de sal

Modo de fazer:

Desmanche o fermento na água morna e acrescente a manteiga, os ovos ligeiramente batidos, o açúcar, o leite e a farinha aos poucos. Amasse e deixe crescer em uma tigela até dobrar de volume. Coloque a massa em um tabuleiro, esticando com as mãos. Fure com um garfo. Leve ao forno.

Cobertura:

Misture pedacinhos de manteiga gelada com açúcar e canela, ligue com um ou dois ovos batidos com leite e jogue sobre a massa quando estiver quase assada. Volte ao forno e termine de assar. Esta é a cobertura original, mas há variações com coco ralado ou banana.

Boneca de porcelana Meissen, vestida com roupa de menina, da época de 1860. Presente da Princesa Isabel a uma colona. Acervo Museu Imperial.



Soldadinho de madeira pintada. Pertenceu a diversos membros da família Esch, antigos colonos de Petrópolis. Acervo Museu Imperial.



Dica de leitura: Não só salsichas eucas são encontradas na cozinha alemã! Para conhecer outras receitas, vai uma dica de leitura: o livro *Deliciosa Herança*, de Vera Abad. Prazerdeleitor Editora.



Cópia da planta de Petrópolis desenhada por Koeler, 1846. Acervo Museu Imperial.

Vale lembrar, que no processo de povoamento de Petrópolis, formaram-se quarteirões coloniais. Além da Vila Imperial (atual centro da cidade), a área foi dividida em doze quarteirões. Ainda encontramos nos nomes dos bairros da nossa cidade a lembrança dos que aqui se estabeleceram primeiro: Bingen, Mosela, Ingelheim, Siméria, Castelânea, Westfália são nomes de origem alemã.



Também é verdade que vários outros grupos de imigrantes estrangeiros deram sua colaboração para o desenvolvimento agrícola, comercial e industrial de Petrópolis – dentre os quais se destacaram portugueses, franceses, ingleses, italianos, suíços, africanos. Bataillard, Cremerie, Morin, Thouzet, por exemplo, indicam a presença francesa. Já os nomes indígenas vêm de um período muito anterior, em que a região era povoada pelos índios coroados: Itamarati, Carangola, Samambaia, Itaipava, Taquara, Araras, Açú.



Esta casa pertenceu à família do colono alemão Johan Gottlieb Kayser. Hoje, é o Museu Casa do Colono, no Quarteirão Castelânea. Apresenta paredes originais em pau-a-pique, com barro misturado a capim para evitar fendas. Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.



Dica: Procure conversar com seus avós ou com antigos moradores da cidade para descobrir como era Petrópolis há tempos atrás.

Curiosidade

Algumas localidades de Petrópolis preservam nomes indígenas:

- Piabanha = peixe manchado
- Itamarati = pedra luzente
- Carangola = rio que atravessa a pedra
- Itaipava = elevação de pedra
- Samambaia = broto enrolado





Você sabe como se chegava a Petrópolis antes de existirem os automóveis? Acreditaria que, em uma determinada época, para se chegar aqui, partindo do Rio de Janeiro, era preciso usar até três tipos de transportes?

Leia este trecho da autobiografia da Princesa Isabel e descubra como era a viagem da família imperial em direção à serra:

Passávamos o verão em Petrópolis. Embarcávamos no Arsenal da Marinha, na galeota a vapor de meu pai e navegávamos durante uma hora entre ilhas verdejantes e pitorescas até Mauá, deixando atrás de nós o Pão de Açúcar e a Fortaleza de Santa Cruz, que guardam a entrada do Rio.

Tínhamos diante dos olhos as belas montanhas, cujos picos, em forma de tubo de órgãos deram-lhe o nome de Serra dos Órgãos. Em Mauá tomávamos a estrada de ferro e, em duas horas, achavamo-nos em Petrópolis (...).

Antigamente não se ia assim tão facilmente a Petrópolis. Tempo houve, na minha meninice, em que dormíamos em meio do caminho, na Fábrica de Pólvora. Serviamos-nos então de cavalos ou jumentos e também de liteiras. Mais tarde veio a estrada de ferro na planície e as diligências ou os carros do Palácio levavam-nos a 800 metros acima do nível do mar; que avistávamos, por minutos, a nossos pés, antes de chegar à cidade. Dai podíamos gozar o espetáculo de um mar de nuvens formado em baixo.

Dica:

Quer conhecer mais sobre essa e outras estradas de ferro do século XIX? Visite o site:
www.estacoesferroviarias.com.br

● Em 1725, o Sargento-mor Bernardo Soares de Proença criou o Caminho Novo na Serra da Estrela, que ligava o Rio de Janeiro a Minas Gerais. Para alcançá-lo, fazia-se uma viagem marítima, saindo do Rio de Janeiro (do antigo Cais dos Mineiros, e atual Praça XV), em "faluas" (embarcações a vela) até o Porto da Estrela, no rio Inhomirim, bem no fundo da Baía de Guanabara. Esse trecho pelo mar podia ser feito em seis horas. De lá, começava-se a segunda parte da viagem, a pé ou em lombos de burros, passando pela Fazenda da Mandioca e prosseguindo até o Córrego Seco. Este percurso levava mais seis horas, totalizando doze horas de viagem!



A partir de 1854, saía-se do barco a vapor diretamente para o trem. Baldeação em Mauá. Álbum de fotografias de Petrópolis e do Rio de Janeiro. Acervo Museu Imperial.

● Em 1854, após a inauguração do Porto de Mauá e da Estrada de Ferro de Mauá (primeira via férrea do Brasil), pegava-se uma barca a vapor no Largo da Prainha (Praça Mauá, no Rio de Janeiro) e chegava-se ao Porto de Mauá (no atual distrito de Mauá, em Magé) após uma hora de viagem. De lá, prosseguia-se de trem até Fragoso. Em 1856, um novo trecho de ferrovia chegou mais adiante, alcançando a Raiz da Serra. O restante do percurso era feito em veículos de tração animal pela Estrada Normal da Serra da Estrela. Este percurso todo levava três horas e meia.

● Só em 1883, quase trinta anos depois, o trem atingiu, finalmente, o Alto da Serra, chegando diretamente a Petrópolis. A viagem durava duas horas e 15 minutos. Já se podia fazer a viagem de trem diretamente do Rio de Janeiro para Petrópolis, embora o transporte marítimo ainda fosse oferecido.

● Em 1928, foi construída a primeira via asfaltada do Brasil, a auto-estrada Rio-Petrópolis (hoje Rodovia Washington Luís). O percurso passou a ser feito em uma hora.



Trecho da estrada de rodagem Rio-Petrópolis. Fotografia de Nietzsche. Acervo Museu Imperial.



Rua do Imperador. Acervo Museu Imperial.

Diversos guias de viagem foram elaborados para servir de roteiro aos viajantes que se dirigiam a Petrópolis no século XIX. Um deles, de Carlos Augusto Taunay, publicado em 1862, destacava as características da Rua do Imperador e seu comércio:

"Geralmente, na Rua do Imperador, os edifícios servem antes para hotéis, oficinas, lojas, armazéns, padarias, tendas de carnicheiros, cocheiras etc., do que para moradias: é o centro do movimento comercial, o ponto de reunião onde se tratam os negócios, onde se esperam os carros que trazem passageiros, correspondências e novidades da capital; sobretudo na frente do Hotel Bragança, um dos melhores [...] donde desembocam os tais carros e há muita animação." (Viagem Pittoresca a Petrópolis, 1862. Carlos Taunay).

Lica

Se você quiser pesquisar mais sobre a história de Petrópolis, conheça outros guias de viagem do século XIX disponíveis na Biblioteca do Museu Imperial.



Aervo Museu Imperial.

Os hotéis ficavam cheios durante os verões. O Grande Hotel Bragança, construído em 1848, era considerado um dos mais elegantes: tinha 92 quartos e ocupava grande parte de um quarteirão. Lá aconteciam requintados bailes, recitais, espetáculos teatrais, conferências, reunindo a alta sociedade e o corpo diplomático da época. D. Pedro II o freqüentava em noites de sarau.

Ajude os viajantes a chegar à cidade de Petrópolis:



Labirinto



Olhe bem as duas fotos e perceba quantas mudanças ocorreram!



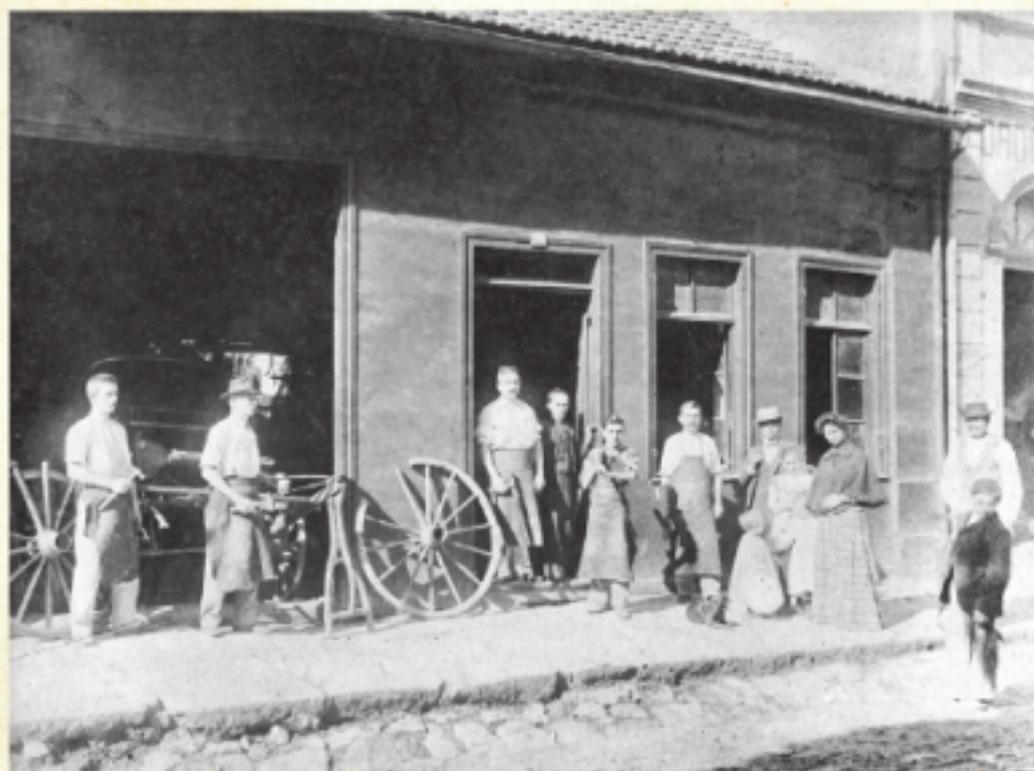
Hotel Bragança, 1874. Foto: R. H. Klumb.
Acervo Museu Imperial.



Na área onde se localizava o Grande Hotel Bragança, hoje encontramos a Rua Alencar Lima, lojas e o Banco do Brasil.
Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.



Azeitoneira do serviço do antigo Hotel Bragança.
Acervo Museu Imperial.



Ferraria Echternacht, na Rua do Imperador.
Acervo Museu Imperial.

Muitos dos colonos eram cervejeiros, marceneiros, serralheiros, ferreiros. Foram se estabelecendo e, aos poucos, montando suas próprias oficinas. E o centro comercial, em especial, a Rua do Imperador, foi se enchendo de lojas de vários tipos, algumas bem curiosas para os dias atuais.



Salsicharia a vapor. Álbum guia da cidade de Petrópolis.
Foto: J. H. Papf.
Acervo Museu Imperial.

No século XIX, não era raro encontrar uma loja para cada tipo de produto.



Farmácia Leite. Álbum guia da cidade de Petrópolis. Foto: J. H. Papf.
Acervo Museu Imperial.



Grande Refinação Pestana.
 Álbum guia da cidade de Petrópolis. Foto: J. H. Papf.
 Acervo Museu Imperial.

A ortografia, naquela época, também tinha suas diferenças: você consegue identificar uma palavra no letreiro desta loja que demonstre isso?

Saiba mais

No Museu Imperial há algumas peças produzidas por artesãos daquele tempo, como as bengalas de Carlos Spangenberg (escultor alemão que trabalhava com madeira e dedicou-se, especialmente, à fabricação deste produto) e os copos de vidro com inscrições e imagens da cidade, lapidados pelos irmãos Sieber.



Souvenir típico que os veranistas podiam levar como lembrança.



D. Pedro II presenteava seus amigos da Europa com bengalas de Petrópolis.

Complete a imagem:



Até a metade do século XX, os pães chegavam aos clientes em carroças. Este exemplar é acervo do Museu Imperial

Quebra-Cabeça



As fábricas de cerveja e, mais tarde, as de tecido, ajudaram no crescimento da economia local e empregaram muita gente. Henrique Kremer fundou na Rua Alfredo Pachá, antigo Quarteirão Nassau, uma fábrica de cerveja, produtora da tradicional cerveja Bohemia.



Prédio da Companhia Cervejaria Bohemia. Acervo Museu Imperial.



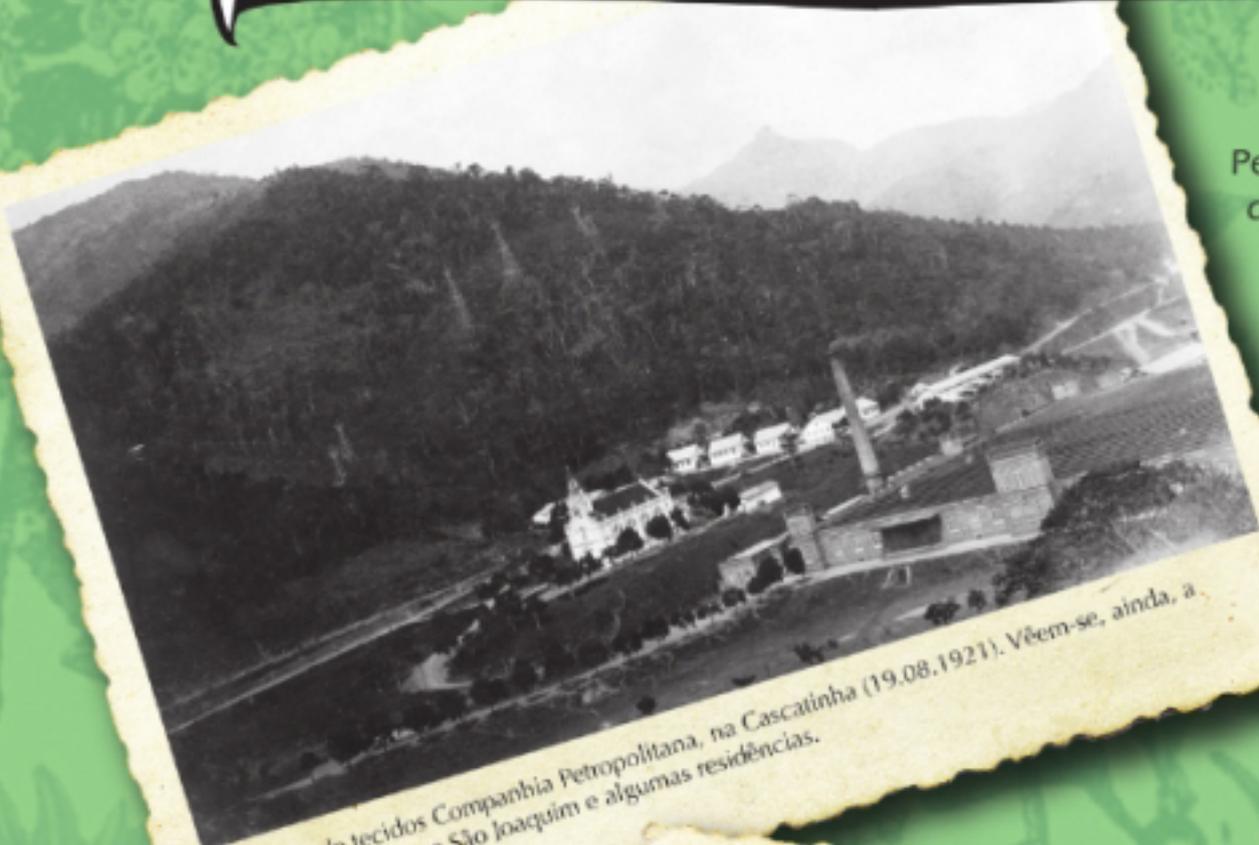
Veja só!

Em 1861, na pequena Petrópolis, havia seis fábricas de cerveja. Com tantos alemães na cidade, não é difícil entender o porquê.



Chapinha de cerveja Bohemia. Acervo Museu Imperial.

Você já passou por perto de alguma fábrica de tecido antiga? Como ela se encontra atualmente? E seus arredores? Você reconhece o local abaixo?

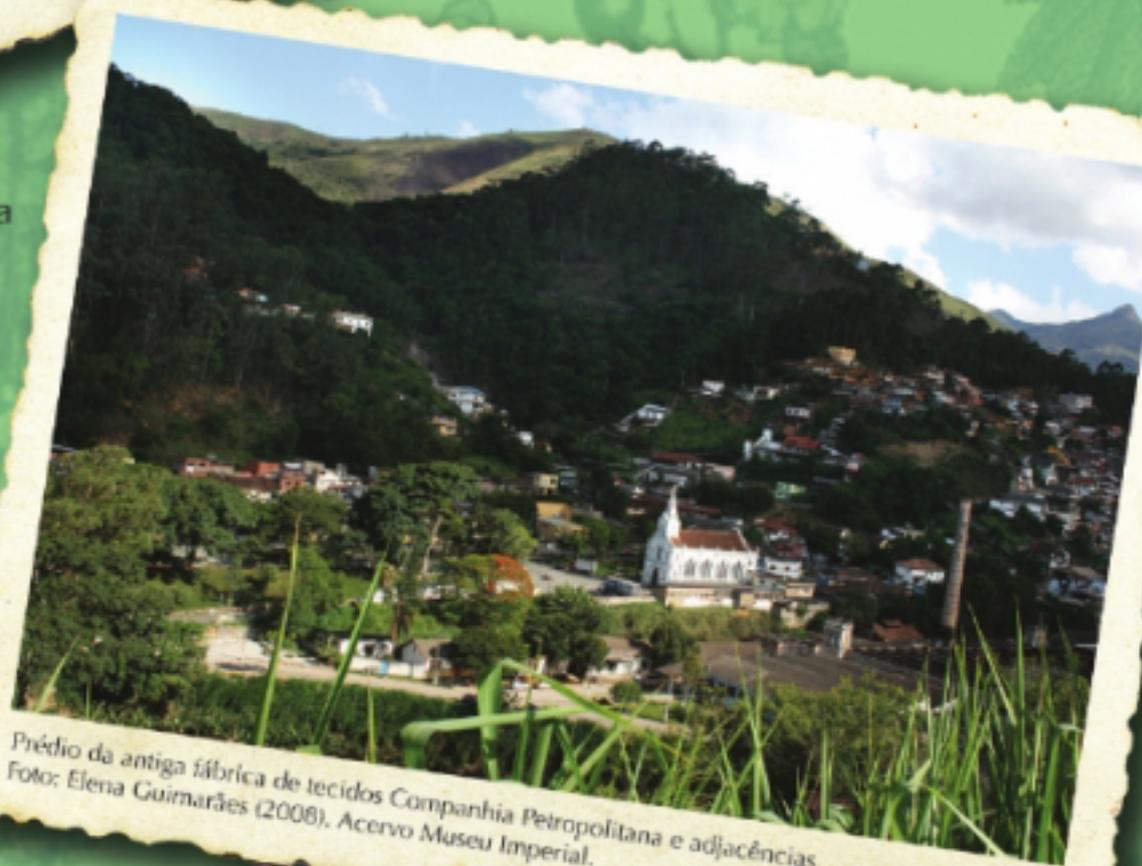


Fábrica de tecidos Companhia Petropolitana, na Cascatinha (19.08.1921). Vêem-se, ainda, a Igreja de Santana e São Joaquim e algumas residências. Acervo Museu Imperial.

Esta era a Companhia Petropolitana, antiga fábrica de tecidos localizada no distrito de Cascatinha. Fundada em 1874, fabricava 7.000 metros de tecido por dia.

Hoje o mesmo prédio abriga alguns fabricantes de móveis.

Comparando as duas fotografias, que modificações você pode apontar nesta paisagem? Procure discutir com seus colegas as consequências dessas alterações.



Prédio da antiga fábrica de tecidos Companhia Petropolitana e adjacências. Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.



Prédio da antiga Companhia Fábrica de Tecidos São Pedro de Alcântara.
Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.

Pense e discuta sobre o trabalho infantil:

No passado: Na Imperial Fábrica de São Pedro de Alcântara, em 1885, trabalhavam mais de 200 operários entre homens, mulheres e crianças.

(Guia de Viagem. José Nicolau Tinoco de Almeida, 1885).

No presente: Uma pesquisa realizada recentemente revelou que, no Brasil, 5,3 milhões de crianças e adolescentes, na faixa de 5 a 17 anos de idade, encontram-se trabalhando.

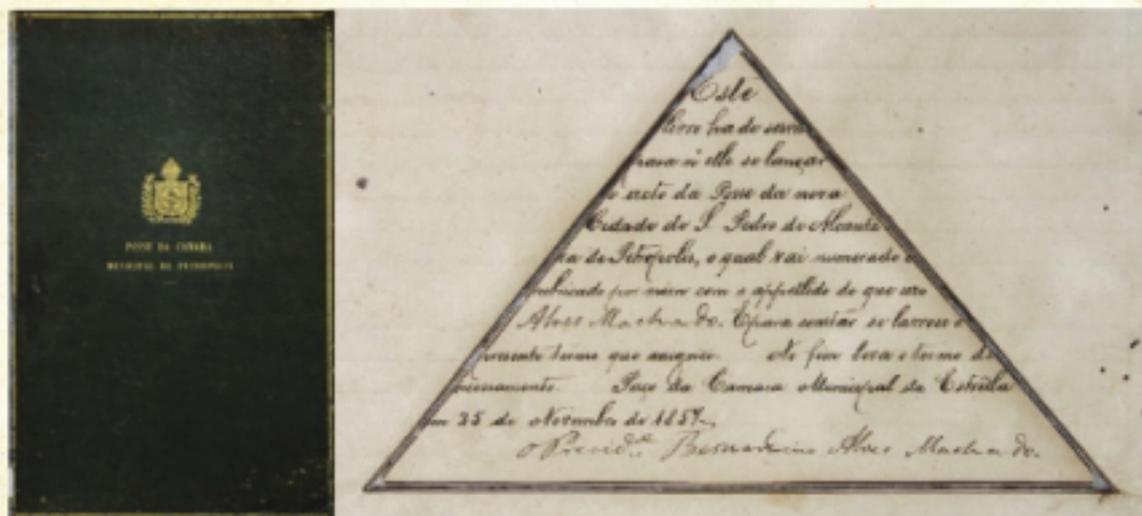
(Fonte: PNAD 2004)



A Companhia Fábrica de Tecidos São Pedro de Alcântara, na Rua Washington Luís, encontra-se bastante danificada. Fundada em 1872, parou de funcionar na década de 1980 e ainda não foi recuperada.

A Constituição Federal estabelece que é função da União, do Estado e dos Municípios, com o apoio das comunidades, preservar os bens culturais e naturais brasileiros. Qualquer cidadão pode impedir a destruição ou descaracterização de um bem de interesse cultural ou natural, solicitando apoio ao Promotor Público local.

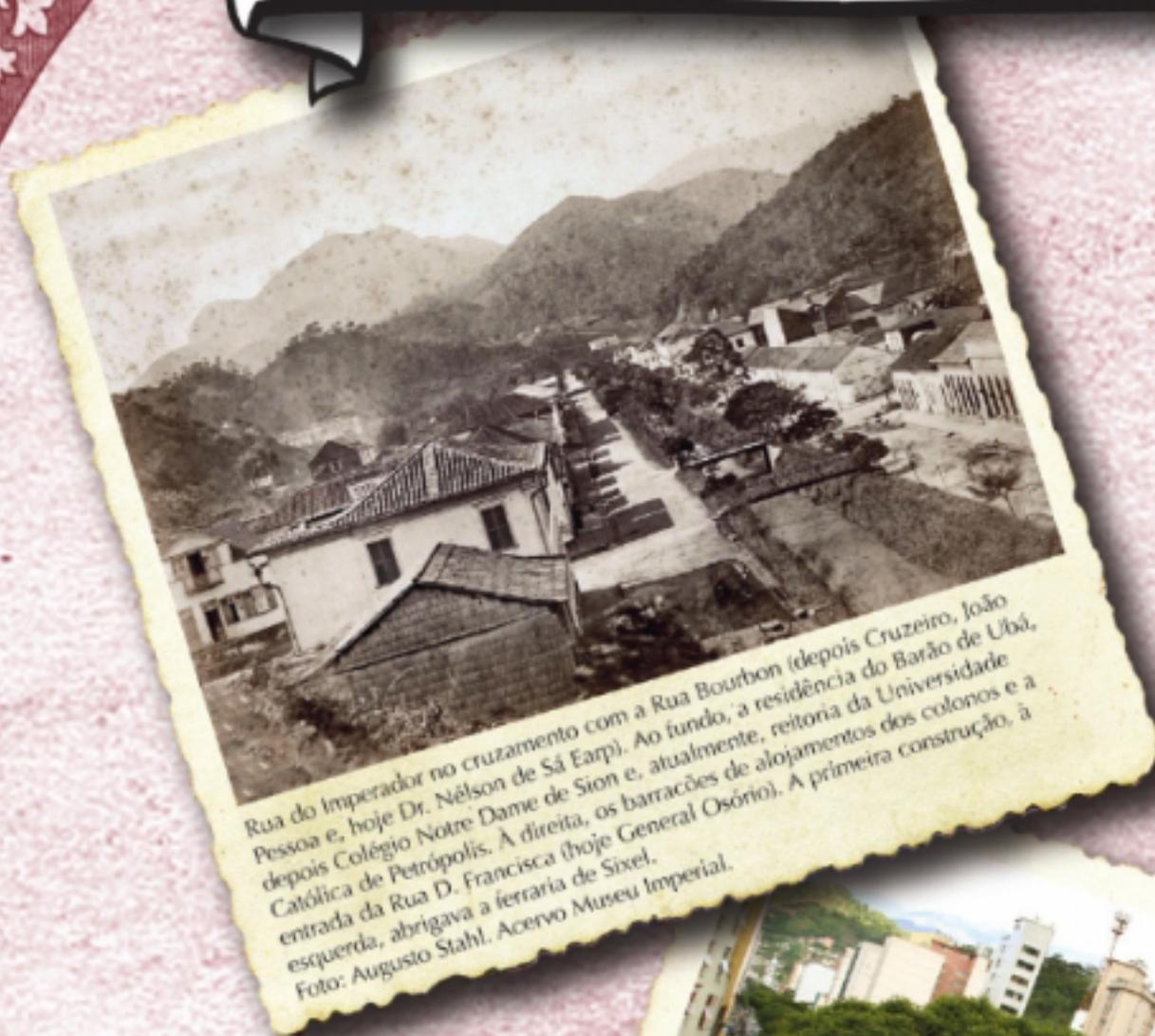
Em 29 de setembro de 1857, a povoação de Petrópolis foi elevada à condição de cidade, sem nunca ter sido uma vila. O autor do projeto foi o deputado Amaro Emílio da Veiga e sua idéia levou um ano sendo discutida.



Ata da posse da Câmara Municipal de Petrópolis. Estrela, 25.11.1857. Acervo Museu Imperial.

Você conhece algum monumento que, de alguma forma, comemore a elevação à cidade?

Observe também esta imagem da Rua do Imperador, em 1865, e analise as mudanças ocorridas desde então.

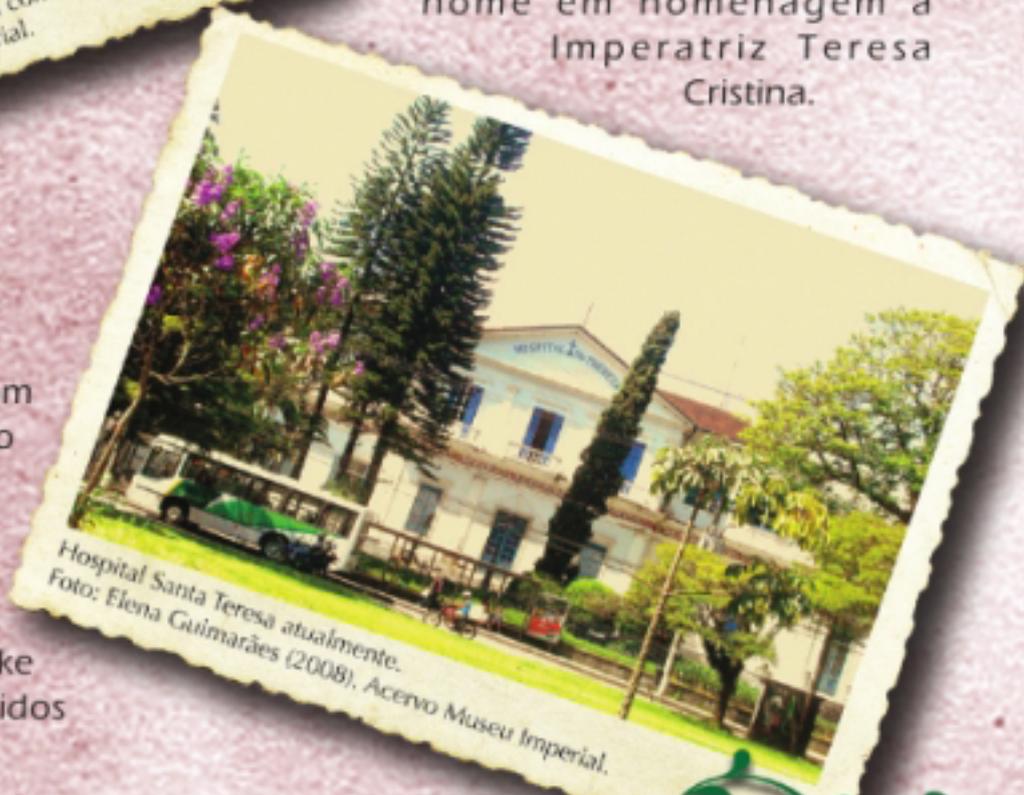




Vista geral do prédio do hospital antes da construção do segundo pavimento. [1876]. Acervo Museu Imperial.

Além de estabelecimentos comerciais, na segunda metade do século XIX, Petrópolis possuía serviços educacionais, hospitalares, telefônicos, postais e telegráficos, aluguel de carros, entre outros.

O Hospital Santa Teresa foi fundado, em 1876, para atender aos mais pobres. Recebeu este nome em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina.



Hospital Santa Teresa atualmente.
Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.

Em 1852, a cidade contava com seis escolas públicas de instrução primária, sendo três de língua alemã para filhos de colonos, e três de língua portuguesa para o restante da população. Havia, ainda, seis escolas particulares. O Colégio Kopke foi o primeiro e um dos mais conhecidos pela qualidade de seu ensino.



Colégio Kopke. Acervo Museu Imperial.

Você Sabia?

Que o ensino básico, nesta época, tinha duração de três anos? Além de Português, Aritmética e Caligrafia, as meninas também tinham aulas de costura.

No mesmo prédio, localizado próximo ao Piabanha, anos mais tarde, funcionou o Colégio Padre Moreira onde estudaram os filhos da Princesa Isabel. Também funcionaram no

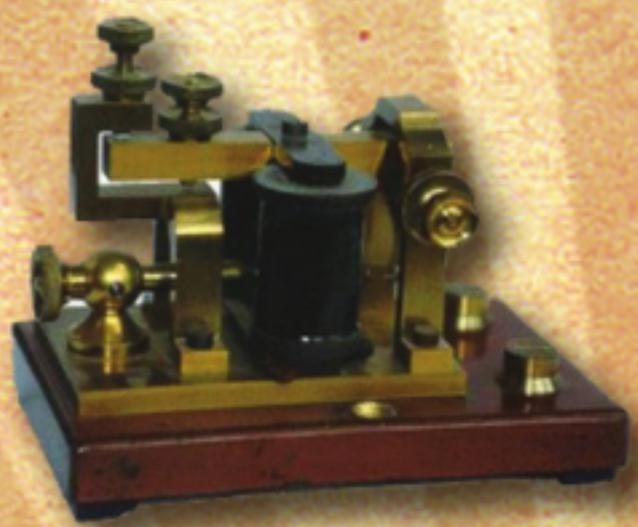
prédio o Colégio Cônego Bernardino, o Curso Werneck e o Bispado de Petrópolis. Esta construção foi, posteriormente, demolida.

Pense bem...
Que notícia você gostaria que aparecesse na primeira página de um jornal daquele tempo?



Em 1857, surgiu o primeiro jornal de Petrópolis, "O Mercantil", na Rua Teresa. Dirigido por Bartolomeu Pereira Sudré, o jornal defendia questões humanitárias como a abolição da escravatura e a elevação de Petrópolis à categoria de cidade.

Para as comunicações a distância, Petrópolis recebeu o primeiro telégrafo elétrico em 1854. Este aparelho podia transmitir ou receber mensagens através de fios. Isso era possível porque havia um código de sinais (pontos e traços) chamado código Morse, que representava as letras do alfabeto.



Telégrafo (1845).
Acervo particular.

Primeira página do Jornal "O Mercantil", de 1857.
Acervo Museu Imperial.

A primeira agência dos Correios de Petrópolis foi aberta em 1848. O atual prédio que conhecemos, na Rua do Imperador, só foi inaugurado no século XX.

E os avanços continuaram: o telefone chegou a Petrópolis em 1883, e uma longa linha telefônica ligava o Rio a Petrópolis. Inicialmente, era de uso exclusivo da corte: ligava o Palácio de São Cristóvão ao Palácio de Petrópolis.



Curiosidade

Na época da Proclamação da República, o serviço telefônico ampliou-se. Em 1915, Petrópolis era a terceira cidade do estado com mais assinantes: 727.

Primeiro telefone de d. Pedro II, que ligava o Paço de São Cristóvão à Fazenda Imperial de Santa Cruz.
Acervo Museu Imperial.





Trecho da Rua do Imperador, já com iluminação pública, e do rio Quitandinha. Ao fundo, vêem-se os prédios do Colégio Santa Isabel e do antigo Fórum. Acervo Museu Imperial.

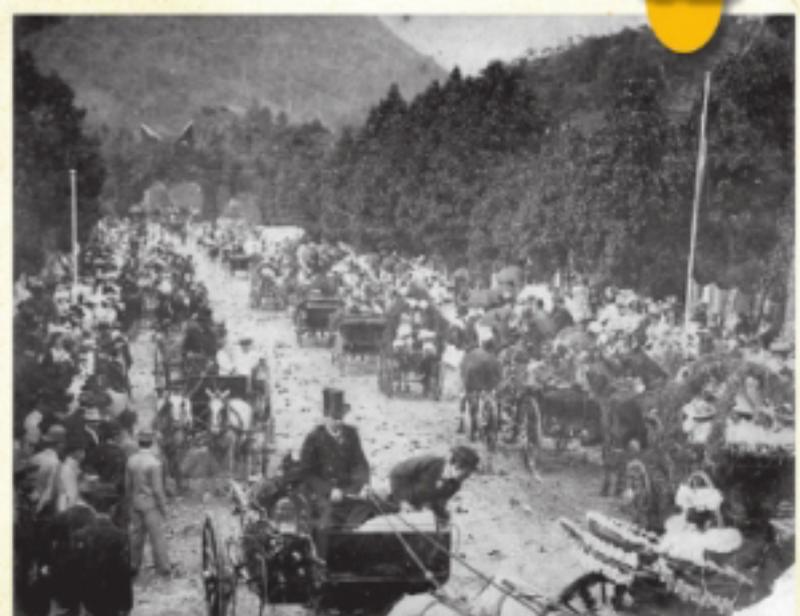
Por quase todo o século XIX, a iluminação pública da cidade foi feita com lâmpões a azeite e a querosene. A iluminação elétrica foi oficialmente inaugurada em 1894, sendo Petrópolis uma das primeiras capitais, na época, a contar com este avanço.

Pense e discuta com seus colegas:
Estamos no século XXI e a situação da distribuição de energia elétrica no Brasil, especialmente na Zona Rural e nas regiões mais distantes, é extremamente desigual: 6 milhões de famílias ainda não têm luz elétrica. Fonte: Levantamento da Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abdib), 2007.

E os transportes? Como a corte se movimentava nesta cidade?

Com o passar dos anos, novos tipos de transportes foram surgindo. Vamos conhecê-los?

Antes do século XX, os transportes eram puxados apenas por animais. A corte utilizava as carruagens, e passeios a cavalo também eram comuns. A cidade era repleta de tálburis e vitórias. Para saber como era ser transportado dessa maneira, você pode experimentar passear em vitórias que ficam estacionadas em frente ao Museu Imperial.



Primeira "Batalha de Flores" no carnaval, em Petrópolis, com a utilização de tálburis enfeitados, na Rua Barão do Amazonas (1880). Acervo Museu Imperial.



Leopoldina, uma das locomotivas a vapor que fazia as viagens do Rio de Janeiro a Petrópolis. Esta linha foi desativada em 1964. Encontra-se no Museu Imperial, na Sala das Viaturas. Acervo Museu Imperial.

Curiosidade

O primeiro automóvel de Petrópolis foi um Decauville. Engana-se quem pensa que o dono abastecia seu carro no posto de gasolina... Ele ia à farmácia. Era onde se conseguia a benzina, combustível deste modelo de motor à explosão.

O trem só chegou ao Alto da Serra em 1883. E foi exatamente um trem que, em 1901, trouxe o primeiro automóvel a Petrópolis. O carro era aberto, sem capota e fazia muito barulho. No lugar do volante, um guidom, parecido com o de uma bicicleta!



Um exemplar de um Decauville, de 1898. Foto: Surrey Vintage Vehicle Society.

A "caranguejola" era um meio de transporte coletivo de passageiros. Era um tipo de "ônibus" com 16 lugares, puxado por burros, muito comum no século XIX.

Em 1912, chegaram os bondes elétricos. A família imperial já não mais estava por aqui e, portanto, não viram os bondes andando sobre os trilhos da cidade. Onde hoje se encontra a rodoviária antiga, ficava o ponto inicial de todas as linhas.

Saiba mais

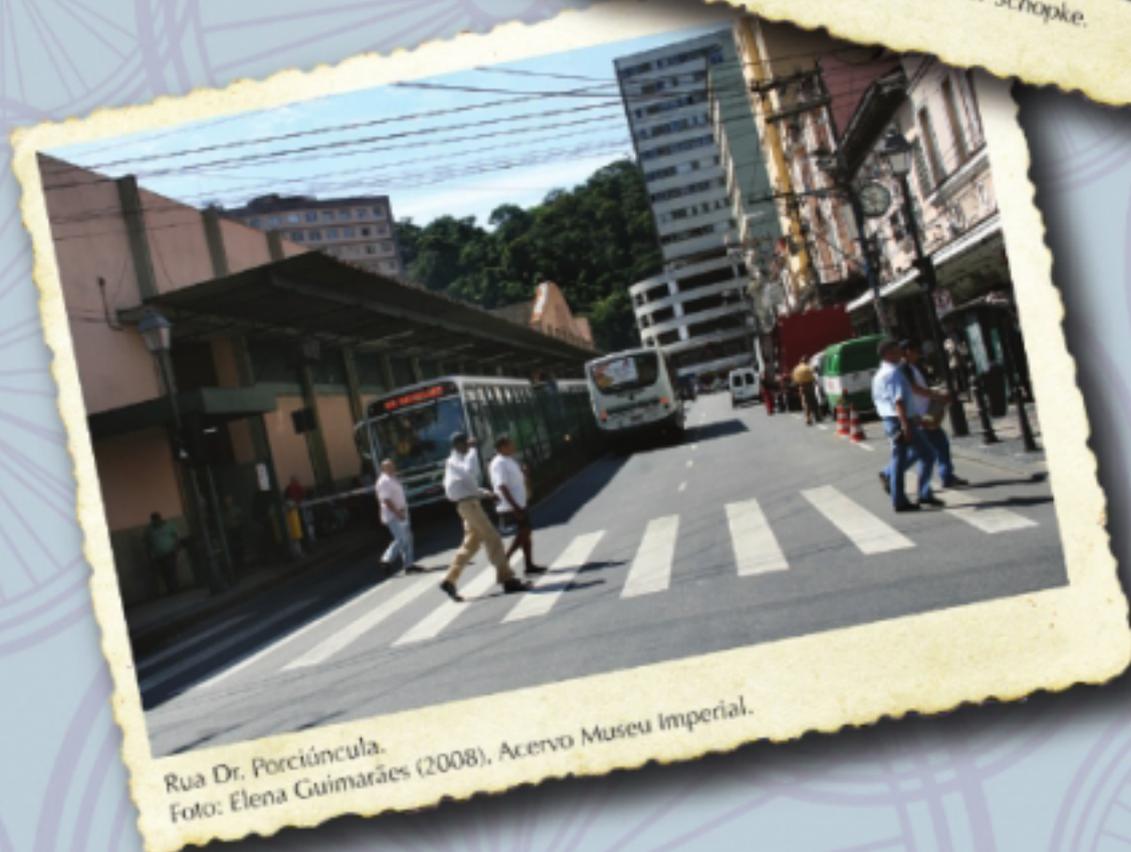
Quem dirigia o bonde? O motorneiro. Ele era o encarregado da direção do bonde. Já o condutor, cobrava as passagens, controlava os horários e tomava conta dos passageiros.



Bonde elétrico na Praça da Liberdade (1920). Acervo Museu Imperial.



Os bondes foram desativados no fim dos anos 30. De lá para cá, quantas mudanças! Aponte 5 diferenças e encontre algo que ainda se encontra neste local.



Os primeiros ônibus começaram a circular na cidade em 1910.



Ônibus de Cáscatinha com passageiros, da firma Henrique Cunha e João Raeder. Acervo Museu Imperial.

Ônibus circulando na Praça da Liberdade. Foto: Nenê, pseudônimo de Walter Schopke. Acervo Museu Imperial.



Frota de ônibus da empresa Útil que fazia a linha Rio-Petrópolis. Acervo Museu Imperial.

Jogo dos Absurdos

Encontre quatro transportes que não poderiam estar nas ruas de Petrópolis no século XIX.



Sugestão de Atividade:
Vamos fazer um mapa mental?

Desenhe um mapa da Rua do Imperador com todos os edifícios que você conseguir se lembrar. Tente fazê-lo o mais detalhado possível. Compare, depois, com os dos seus colegas. Será que todos se lembram dos mesmos edifícios? Por que isto acontece?

Em 1964, a Avenida Koeler foi tombada pelo IPHAN como conjunto urbano-paisagístico.



Fique por dentro

O tombamento é uma forma de proteger todos os bens que tenham valores históricos, culturais, arquitetônicos, ambientais e também afetivos para seu povo. Podem ser tombados: edifícios, ruas, praças, cidades, florestas, cachoeiras, fotografias, livros, móveis, utensílios, obras de arte etc. No Brasil, o tombamento pode ser feito pelos governos federal, estadual e municipal, através de órgãos específicos para isso, como é o caso do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e do INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural).

Agora, um desafio: pesquise e descubra a origem da palavra "tombamento".

Com as facilidades e melhorias dos transportes, cada vez mais veranistas vinham para cá, seguindo a família imperial. Nobres e intelectuais da época ficavam por aqui durante quase um semestre e, para tais pessoas, palacetes foram construídos nas imediações do palácio imperial.

As construções de Petrópolis, inicialmente, eram neoclássicas. O Palácio Imperial e a Casa da Princesa Isabel são bons exemplos deste estilo arquitetônico. A partir da segunda metade do século XIX, apareceram construções no estilo eclético.



No Museu Imperial e na Casa da Princesa Isabel percebe-se a presença de um frontão, de colunas e de simetria na sua construção: características marcantes do estilo neoclássico. Museu Imperial. Foto: Cátia Vianna (2007). Acervo particular.



A Casa de Petrópolis (Mansão Tavares Guerra), de 1884, é um palacete de estilo eclético localizado na Rua Ipiranga. A mistura de diferentes estilos arquitetônicos do passado (clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica) é a marca deste estilo. Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.



Casa da Princesa Isabel. Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.

Algumas construções do século XIX foram demolidas e cederam lugar a prédios, como a casa do Barão de Quartin.



Residência do Barão de Quartin, vizinha do Palácio Imperial. Acervo Museu Imperial.



Edifício Barão de Quartin, na Rua da Imperatriz. Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.

Outras foram preservadas, mas tiveram sua utilização modificada. É o caso da casa do Visconde de Ubá, que de residência de verão, no século XIX, passou a abrigar a Reitoria da Universidade Católica de Petrópolis, em 1969.



Residência que pertenceu ao ministro Andrés Lamas e, posteriormente, ao Visconde de Ubá e às irmãs de Sion. Foi cedida às Princesas Isabel e Leopoldina para passarem a lua-de-mel. Foto: Oscar Mantovani. Acervo Museu Imperial.



Prédio da Reitoria da Universidade Católica de Petrópolis. Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.



Palácio Rio Negro, residência oficial de verão dos presidentes da República, desde 1903. Foto: Elena Guimarães (2008). Acervo Museu Imperial.

Você Sabia?

Que de 1894 a 1903, Petrópolis foi capital do estado do Rio? Com a Revolta da Armada, Niterói estava sob ameaça. Por segurança, a capital foi transferida para a serra.

Descubra Palavras

Com a Proclamação da República, em 1889, algumas ruas tiveram seus nomes alterados, já que faziam referência ao período monárquico. Mais tarde, alguns nomes foram resgatados e voltaram a fazer parte do dia-a-dia na cidade.

Desembaralhe as letras e descubra os nomes que algumas ruas receberam após a Proclamação da República:



Rua do Imperador

ADVINEIA SI
ED BOVNE MOR



Rua da Imperatriz

DNEAVINT
ED TSEERBOM



Rua Princesa Isabel

URA I3
DE AMOI



Rua Bourbon

RAU AOJO
EPSOSA



Rua Joinville

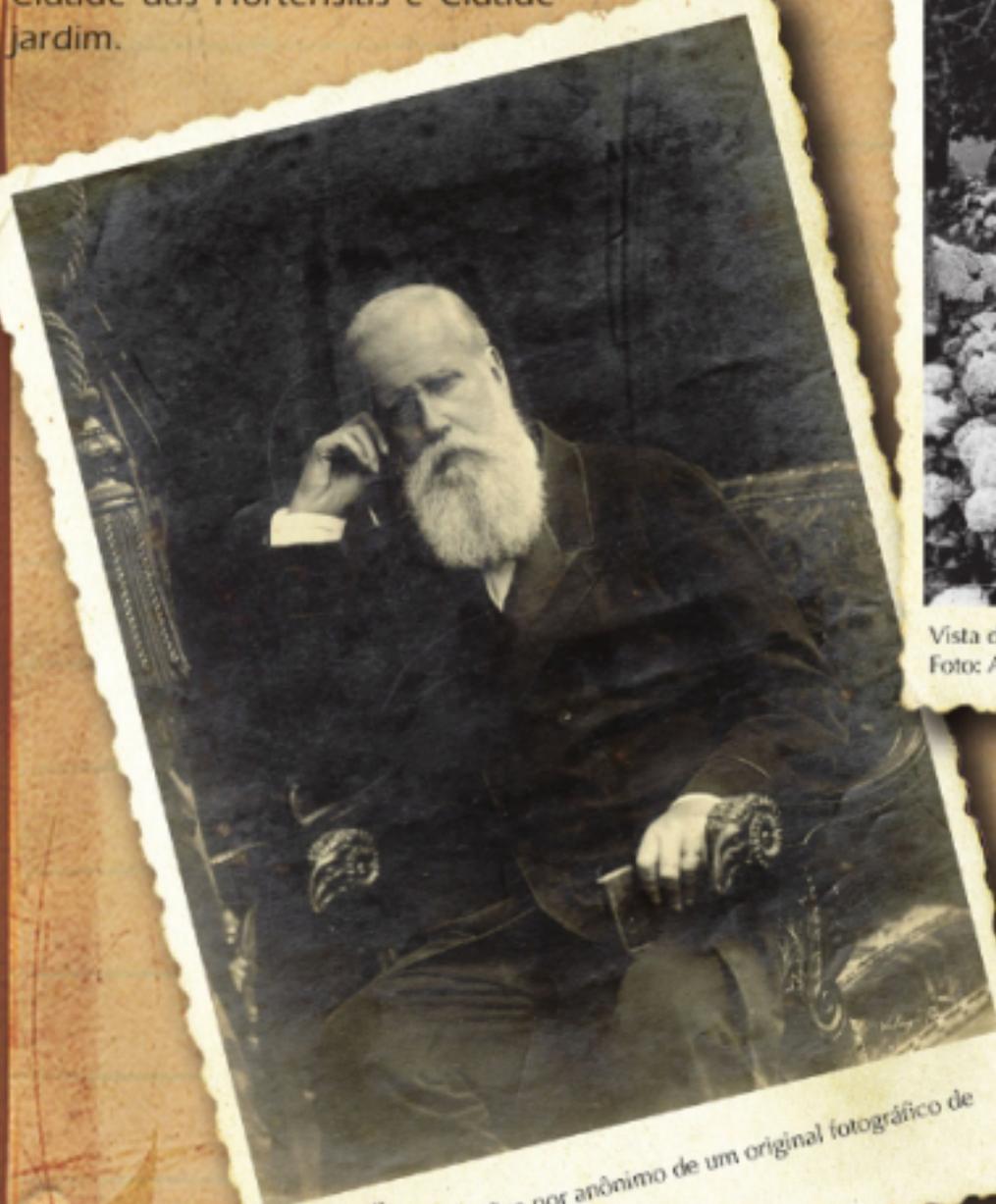
ARU
VIGRAWAP



Rua D. Francisca

URA RGNEELA
ORSOOI

Petrópolis recebeu o título de Cidade Imperial, em 1981, através de um decreto assinado pelo presidente João Batista Figueiredo. Na época, o presidente possuía um sítio em Nogueira. Mas, nossa cidade também ficou conhecida por outros títulos: Cidade das Hortênsias e Cidade-jardim.



D. Pedro II.
Reprodução fotográfica por anônimo de um original fotográfico de
Walery. Paris, 1887.
Acervo Museu Imperial.



Vista do Quitandinha com hortênsias.
Foto: A Ótica. Acervo Museu Imperial.

Foi aqui que d. Pedro II recebeu a notícia da Proclamação da República e, assim, foi preciso ir para bem longe. O imperador saiu do Brasil com toda sua família, enquanto o novo regime de governo se instalava. O primeiro destino foi Portugal, mas foi na França que ele viveu os últimos anos de sua vida. A cada amigo que lá o visitava, pedia notícias de seu país e jamais se esquecia de declarar o apreço e sentimento de saudades por aquela que verdadeiramente foi sua cidade: Petrópolis.

E se por aqui não tivesse passado nenhum dos nossos imperadores? Se a Serra da Estrela não fosse um bom caminho para se chegar à região das Minas Gerais? Nossa história poderia ser muito diferente...

Nenhuma cidade nasce por acaso e cada uma tem sua história. Pertinho de um rio, ao lado de um forte ou de um porto, ao redor de uma igreja, nas proximidades de uma fábrica ou de uma fazenda... ou, como vimos, em torno do palácio de um imperador!



Petrópolis

Algumas datas significativas de sua história

Janeiro

01 – No ano de 1850, o Colégio Kopke iniciou suas atividades. Foi a primeira escola particular da cidade e uma das melhores de seu tempo.

02 – O "Theatro Dom Pedro" foi aberto em 1933. Mais tarde, recebeu o nome de Teatro Municipal Paulo Gracindo.



Teatro Dom Pedro.
Acervo Museu Imperial.

Fevereiro

01 – Em 1876, foi inaugurada a Biblioteca Municipal. Naquela época, já possuía uma seção de Braille para cegos.

11 – A chegada da primeira locomotiva a Petrópolis deu-se em 1883, trazendo passageiros vindos do Rio de Janeiro, inclusive Sua Majestade, o imperador d. Pedro II.

05 – Em 1911, foi inaugurado o jardim da Praça Dom Pedro e o monumento a d. Pedro II. Compareceram ilustres personalidades, entre as quais, o Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca.



A Biblioteca em 1974.
Acervo Museu Imperial.

Março

16 – Em 1843, Petrópolis é fundada.

03 – O primeiro jornal da cidade, "O Mercantil", surgiu em 1857. Anos mais tarde, foi transformado em "Gazeta de Petrópolis", funcionando até 1904.

12 – O lançamento da primeira pedra fundamental da Nova Matriz (atual Catedral São Pedro de Alcântara) aconteceu em 1876.

16 – No ano de 1943, inaugurou-se o Museu Imperial.



Inauguração do Museu Imperial (1943).
Acervo Museu Imperial.

Abril

30 – A inauguração do trecho da Estrada de Ferro que ligava Raiz da Serra a Mauá ocorreu em 1854 com a presença do imperador e sua comitiva. Irineo Evangelista de Sousa recebeu o título de Visconde de Mauá por esta construção que foi a primeira estrada de ferro do Brasil.

20 – O Palácio de Cristal foi inaugurado em 1884.



Palácio de Cristal (1884).
Acervo Museu Imperial.

Maior

15 – Em 1889, foi fundada a Fábrica de Tecidos Dona Isabel, na Rua Dr. Sá Earp, no bairro do Morin.

31 – Em 1953, houve a fundação das Faculdades Católicas Petrópitanas transformadas em Universidade Católica de Petrópolis (UCP), oito anos depois.

03 – Os restos mortais da Princesa Isabel e do Conde d'Eu foram trasladados para Petrópolis, em 1971, ficando em mausoléu construído na Catedral São Pedro de Alcântara.



Prédio da Fábrica de Tecidos Dona Isabel.
Acervo Museu Imperial.

Junho

13 - O navio "Virginie", vindo de Dunquerque, na Alemanha, chegou ao Rio de Janeiro, em 1845, com a primeira leva de colonos alemães.

29 – Em 1845, esses alemães chegaram a Petrópolis. Vieram em faluas até o Porto da Estrela e seguiram o restante da viagem a pé, parando na Fábrica de Pólvora e no meio da Serra, até alcançarem o povoado.

17 – A instalação da Primeira Câmara Municipal de Petrópolis aconteceu em 1859. Foi em uma casa localizada na Rua Paulo Barbosa (onde fica o atual Edifício Rocha).

23 – No ano de 1861, inaugurou-se totalmente a Estrada União e Indústria, ligando Petrópolis a Juiz de Fora. Na ocasião, o imperador d. Pedro II percorreu todo o trajeto, com muitos festejos.

16 - Em 1897, foi fundado o Colégio Santa Catarina, na Rua Montecaseros, para educar meninas descendentes de alemães.

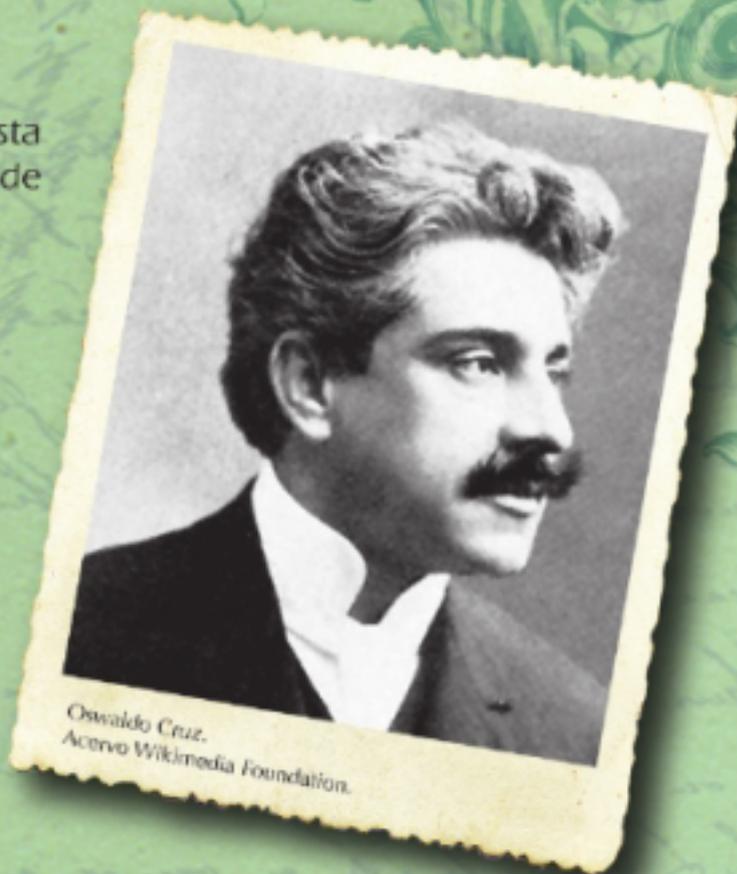


Primeira Câmara Municipal.
Acervo Museu Imperial.



Julho

28 – Em 1916, Oswaldo Gonçalves Cruz, cientista renomado, foi nomeado Prefeito do município de Petrópolis.



Oswaldo Cruz.
Acervo Wikimedia Foundation.

Agosto



17 – A Associação Coral Concórdia foi fundada, em 1863, pelo Professor Friedrich Strole.

15 – Em 1928, foi inaugurada a Estrada de Rodagem Rio–Petrópolis pelo então Presidente Washington Luís.



Trecho da Rua Montecaseros, vendo-se a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.
Acervo Museu Imperial.

Setembro



29 – Em 1857, Petrópolis foi elevada à categoria de cidade.

08 – A Igreja do Sagrado Coração de Jesus foi inaugurada, em 1877, com a presença da família imperial.

24 – Em 1938, foi fundado o Instituto Histórico de Petrópolis.

Outubro

19 – Dia de São Pedro de Alcântara, padroeiro do Império, patrono de d. Pedro II.

08 – Em 1848, foi criada a primeira Agência dos Correios em Petrópolis.

15 - Nasceu em Petrópolis, no ano de 1875, d. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança, o príncipe do Grão-Pará, filho mais velho da princesa Isabel.



Príncipe do Grão-Pará no colo da princesa Isabel. Foto de Henschel & Benque (1876). Acervo Museu Imperial.



Novembro

15 – Em 1889, d. Pedro II recebeu, nesta cidade, a notícia da Proclamação da República.

29 – A inauguração da Catedral São Pedro de Alcântara, ainda inacabada, aconteceu em 1925.



A catedral nos anos 40 (séc. XX). Acervo Museu Imperial.



Dezembro

02 – Em 1857, foi fundado o "Parayba", periódico no formato dos jornais do Rio de Janeiro. Contou com a colaboração de personalidades como Machado de Assis.

04 – Somente no ano de 1939, os restos mortais de d. Pedro II e d. Teresa Cristina chegam a Petrópolis. Encontram-se no mausoléu construído para a família imperial, na Catedral São Pedro de Alcântara.

26 – Em 1944, foi inaugurado o Cine Rydan, no Alto da Serra. Era um cinema luxuoso, com excelentes instalações.



Cerimônia de transladação dos restos mortais de d. Pedro II e d. Teresa Cristina, na Catedral São Pedro de Alcântara. Acervo Museu Imperial.

Referências Bibliográficas

ABAD, Vera. **Deliciosa herança**. Petrópolis: Prazerdeler, 2002.

ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL. Ed. Comemorativa. Petrópolis: Museu Imperial/ IPHAN, 1995. 350p.

ARGON, Maria de Fátima Moraes (org.). **Família imperial: álbum de retratos**. Texto de Pedro Karp Vasquez. Petrópolis: Museu Imperial, 2002. Inclui 1 CD-ROM.

_____. **A fotografia em Petrópolis: 1851 a 1960**. Bolsa Vitae de Artes, 2001/2002. Mimeografado.

BEDIAGA, Begonha (org.). **Diário do imperador d. Pedro II: 1840-1891**. Esboço biográfico de Lilia Moritz Schwarcz. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. Inclui 1 CD-ROM.

DUNLOP, Charles. **Petrópolis antigamente**. Rio de Janeiro: ERCA, 1986.

GEOPOLÍTICA DOS MUNICÍPIOS. **Petrópolis: cem anos de cidade: 1857 – 1957**. Rio de Janeiro: Linotipo, 1958.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Museu Imperial/IPHAN, 1999.

LACOMBE, Lourenço Luiz. **Biografia de um palácio**. Petrópolis: Museu Imperial, 2007.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. **Curso de História de Petrópolis**. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/colecoes/lib_ihp/docs/jfan20020110.htm/>. Acesso em: 20 nov. 2008.

RABAÇO, Henrique José. **História de Petrópolis**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1985.

RAFFARD, Henrique. **Jubileu de Petrópolis**. Rio de Janeiro: Companhia Typográfica do Brasil, 1896.

SANTOS, Paulo César dos. **Petrópolis: História de uma Cidade Imperial**. Petrópolis: Sermograf, 2001.

